

# A HIPOTAXE DE ADIÇÃO

Táisa Peres de OLIVEIRA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo principal deste trabalho é avaliar as orações introduzidas pelo conector *além de*, a fim de identificar suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Oações introduzidas por esse conector expressam uma relação de adição, aqui definida nos termos de Halliday (1985) como um tipo de hipotaxe de extensão. Observou-se que essas orações são altamente dependentes, ocorrem preferencialmente antepostas e atuam na constituição da estrutura tópico-comentário, desempenhando papel relevante para a distribuição da informação no texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relação de adição. Hipotaxe de extensão. Dependência.

## Introdução

A relação de adição é tema pouco explorado na literatura sobre articulação de orações. Fixada numa postura lógico-filosófica, a maioria dos estudos sobre adição parte do ponto de vista do raciocínio válido e da implicação material e tratam a adição como uma operação lógica. Outros consideram ainda o caráter argumentativo da conjunção aditiva, numa abordagem mais ligada aos estudos da retórica. Em geral contempladas apenas na descrição de orações coordenadas e correlativas, pouco se sabe sobre orações subordinadas com valor de adição. Especificamente no português, ainda não há trabalhos que reconheçam a oração subordinada de adição.

Estudos sobre subordinação adverbial, especialmente para o inglês, apontam a existência de um subtipo de oração subordinada com valor de adição. Essa oração é atualizada pelos conectores *in addition to* e *besides*, no inglês. Esse tipo também é encontrado no espanhol, sendo verificado por orações introduzidas pelo conector *además*. Nesses casos, os conectores servem para introduzir uma oração que veicula uma situação adicional àquela expressa na oração principal. No português, caso semelhante parece ocorrer com as orações

<sup>1</sup> Curso de Letras – Campus de Três Lagoas – UFMS – Três Lagoas – Mato Grosso do Sul – Brasil. taisapoliveira@gmail.com

introduzidas por *além de*. É com o objetivo principal de analisar esse tipo oracional que se propõe o presente estudo.

O reconhecimento da subordinada de adição passa, em primeiro lugar, pela discussão do próprio conceito de subordinação, aqui considerado segundo as noções de dependência e grau de vinculação de Lehmann (1988). Levando em consideração as relações lógico-semânticas elaboradas por Halliday (1985), especificamente a noção de expansão e extensão, este trabalho propõe a analisar a oração introduzida por **além de** como um tipo de hipotaxe de extensão, diferentemente da postura atual que analisa estrutura semelhante em outras línguas como caso de oração adverbial.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: na Seção 2, apresentam-se algumas premissas teórico-metodológicas relevantes para a condução do presente estudo; na Seção 3, discutem-se a noção de adição e o atual estado da arte; na Seção 4, analisa-se a oração de adição no português, levando-se em consideração aspectos de natureza morfossintática, semântica e pragmática. Na última Seção, por fim, apresentam-se algumas considerações finais.

## Questões teórico-metodológicas

### O Funcionalismo

A relação entre orações, que pode ser definida, nos termos de Lehmann (1988, p. 182) “[...] como uma relação de dependência ou sociedade entre orações”,<sup>2</sup> constitui peça fundamental à atividade linguística. É, portanto, tema não apenas para a sintaxe, mas também para a semântica e a pragmática. Nesse sentido, adota-se neste trabalho uma visão funcionalista que, procurando na atividade comunicativa a explicação para os fatos da linguagem, propõe uma análise integrada das estruturas linguísticas.

De acordo com Butler (2003), o funcionalismo centra-se sobre as premissas de que (i) a língua é usada, sobretudo, como meio de comunicação humana em contextos culturais e psicológicos e que (ii) esse fato deve determinar o entendimento de como a língua é estruturada. O sistema linguístico não é uma estrutura fechada em si mesma e independente de fatores externos, mas ao contrário, é regido por eles. Embora o sistema linguístico demonstre certo grau de arbitrariedade, ele está tão intimamente ligado a fatores de

<sup>2</sup> “[...] a relation of dependency or sociation between clauses.”

natureza externa que não pode ser avaliado sem referência a esses. Portanto, uma teoria funcionalista deve levar em consideração a relação entre língua e (i) cognição e (ii) contexto sociocultural de uso.

Essa centralidade do uso linguístico na explicação funcionalista se justifica pelo fato de que, conforme afirma Dik (1986, p. 21), “[...] o objetivo principal das línguas naturais é o estabelecimento da comunicação inter-humana, outros objetivos ou são secundários ou derivados”.<sup>3</sup> A esse respeito, Foley e Van Valin (1984, p. 9) acrescentam que:

[...] é possível encontrar exemplos do comportamento verbal que não sejam comunicativos, mas isso não diminui em nada a premissa funcionalista fundamental de que o entendimento da estrutura linguística exige o entendimento das funções que a língua desempenha, sendo a comunicação sua função principal.<sup>4</sup>

O funcionalismo se oferece, portanto, com o propósito de analisar os padrões que organizam a língua numa estrutura multicamada. É exatamente o que se pretende realizar neste trabalho, uma análise integrada de aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, de modo a oferecer um entendimento mais completo sobre o tipo oracional investigado. Daí a escolha da abordagem funcionalista, ainda que não por um modelo específico.

## Subordinação adverbial

Sobre a natureza morfossintática da relação entre orações, Halliday (1985) defende a importância da distinção entre encaixamento e hipotaxe, e propõe interpretar a relação entre as orações segundo um sistema de interdependência. Distinguem-se, por esse critério, as (i) orações paratáticas, que combinam elementos de categorias iguais, no sentido de que cada um pode constituir um todo funcional; (ii) orações hipotáticas, que ligam elementos de categorias diferentes, em que um elemento é considerado dominante e um outro não dominante; (iii) orações encaixadas, relação em que uma oração atua como constituinte da outra.

<sup>3</sup> “[...] the primary aim of natural languages is the establishment of inter-human communication; other aims are either secondary or derived.”

<sup>4</sup> “[...] there may well be instances of verbal behavior which are non-communicative, but this in no way undermines the fundamental functionalist tenet that an understanding of language structure requires an understanding of the functions language can serve, communication being the primary one.”

Para Halliday (1985), é essencial distinguir hipotaxe – as subordinadas adverbiais – de encaixamento – subordinadas substantivas. Na hipotaxe, a oração serve para modificar o sentido da oração principal, ela acrescenta informação suplementar, mas não pode ser considerada como parte dela. Não é o caso do encaixamento, em que a oração subordinada atua como um termo da oração principal, é parte de sua estrutura de predicado e, assim, está sujeita aos mesmos operadores que ela.

Adotando a distinção tripartite elaborada por Halliday (1985), Mathiessen e Thompson (1988) vão além e propõem conceber os tipos de combinação no nível *do discurso* e não apenas no nível das orações complexas. Para os autores, a combinação de orações codificaria as relações retóricas núcleo-satélite, consideradas como característica geral dos textos, em que certas partes realizam os objetivos centrais do falante, ou seja, os *núcleos*, enquanto outras suplementam ou auxiliam os objetivos centrais, ou seja, os *satélites*. As orações complexas seriam resultado da gramaticalização desses processos constituidores do discurso.

É com base na distinção proposta por Halliday (1985) e, de certa forma, retomada e ampliada por Mathiessen e Thompson (1988), que se propõe analisar aqui a oração de adição.

## Material e método

A discussão aqui apresentada é resultado da pesquisa realizada no âmbito do projeto **Construções subordinadas nas variedades lusófonas: uma abordagem discursivo-funcional**, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional da UNESP – São José do Rio Preto, cujo objetivo é a investigação das relações subordinadas nas variedades lusófonas. O foco do projeto está em descobrir as motivações funcionais subjacentes à relação entre as estruturas morfossintáticas usadas para codificar relações de dependência e as situações conceituais que elas expressam.

Como *corpus* principal do presente trabalho considerou-se o *corpus Português oral*, desenvolvido no âmbito do **Projeto Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais**, que contém amostras de variedades do português falado em Portugal, Brasil, Timor Leste, Moçambique, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Goa e Macau.

Tendo em vista a baixa produtividade do tipo oracional no *corpus* acima, considerou-se também dados do **Córpus do Português**, coletados no *website* <www.corpusdoportugues.org>. Um banco de dados com mais de 45 milhões de palavras em quase 57.000 textos, que contemplam as variedades do português brasileiro e europeu, nos registros oral e escrito, num período que vai dos séculos do XIV ao XX. Para este trabalho, especificamente, considerou-se apenas dados dos séculos XIX e XX, contemplando os diferentes tipos de texto que compõem o *corpus*.

## A relação de adição

De acordo com Lenker (2010, p. 214), a relação de adição prototípica é definida como o processo que “envolve dois eventos distintos, semanticamente ou pragmaticamente relacionados, mas para os quais não há uma sequência temporal”.<sup>5</sup> A noção de temporalidade parece, portanto, irrelevante para a relação de adição, uma vez que a ordem dos eventos não é essencial para sua construção. No entanto, embora não façam parte da noção prototípica da adição, é comum, nas línguas naturais, construções aditivas em que se notam outros valores semânticos agregados. Daí os termos comumente encontrados na literatura, que separam adição equativa/não equativa ou adição pura/impura.

No geral, os autores que tratam da adição distinguem pelo menos dois tipos de relação: um mais prototípico, que implica a noção básica de soma, acréscimo, e tipos mais secundários, que envolvem outras noções semânticas. Lenker (2010) propõe classificar a adição nos termos de **adição pura** e **adição impura**. Na adição pura, a conjunção aditiva exprime somente a noção de soma, acréscimo, sem implicar nenhum outro tipo de relação:

- (01) Os dados mostram que os mais ricos ficaram mais ricos, e os mais pobres ficaram mais pobres. (19Or:Br:Intrv:Cid)

Nesse caso, os eventos descritos são relacionados numa relação de acréscimo, sem nenhum tipo de noção temporal ou causal implicada. Prova

<sup>5</sup> “[...] involves two distinct events which are semantically or pragmatically related but for which no temporal sequence is assumed.”

disso é que os eventos podem ter sua ordem alterada sem maior prejuízo semântico e/ou até gramatical, como se vê abaixo:

- (01a) Os dados mostram que os mais pobres ficaram mais pobres, e os mais ricos ficaram mais ricos.

A relação de adição impura, por outro lado, envolve, além da noção de adição, valores como temporalidade, causalidade, resultado, finalidade, concessividade, condicionalidade. Nesses casos, o valor agregado à noção de adição seria resultado de um processo de inferência (GEIS; ZWICKY, 1971). Os casos abaixo ilustram algumas dessas possibilidades:

- (02) O cara pode ser “animal” e ter notas ruins. (19Or:Br:Intrv:Cid) – Concessão  
Então, no final do ano, as contas são zero marcador, conforme indicado no exemplo (1)adas e, aquilo que sobrou é devolvido aos cofres públicos. (19Or:Br:Intrv:Cid) – Tempo
- (03) O povo lá fora acha que somos diferentes, mas não. Nós só queremos viver bem e sair logo daqui. (19Or:Br:Intrv:Cid) – Finalidade

Segundo os autores, a adição impura pode envolver, ainda, a expressão de ênfase argumentativa. Nessa relação apresentam-se duas proposições que, à semelhança da adição pura, também não expressam valores ligados às noções de temporalidade, mas, diferentemente dessas, estão implicadas numa relação de assimetria, em que uma proposição ganha maior relevo argumentativo:

- (04) Eu dava as guascas e **ainda** ajudava a atar. (19:Fic:Br:Lopes:Gauchescos)
- (05) Na gestão anterior as rivalidades PSDB x PMDB ou Tuga x Tidei prejudicaram parcerias e **até** a participação da cidade no Mapa Cultural. (19Or:Br:Intrv:Cid)
- (06) **Além de** ser ganancioso, ele é violento, ele mata. (19Or:Br:Intrv:Pov)
- (07) Houve **não só** um ataque contra o peso, **mas também** a queda do valor dos bônus e das ações foi muito forte. (19Or:Br:Intrv:ISP)

Do ponto de vista de sua codificação morfossintática, a relação de adição é tradicionalmente concebida como um caso de **coordenação**, processo sin-

tático em que duas unidades oracionais autônomas vêm a constituir uma oração composta, tal como no exemplo em (08).

- (08) O velho teme o futuro e se abriga no passado.  
(BECHARA, 2004, p. 320)

Servem, ainda, à expressão da coordenada de adição as orações justapostas ou coordenadas assindéticas, em que se verifica a ausência de um elemento conjuncional. Além dessas, as correlativas, comumente concebidas como caso de coordenação também podem expressar a noção de adição. É o que se exemplifica, respectivamente:

- (09) Joana jantou com os pais, Carolina saiu com o namorado.  
(10) Ela não apenas nos oprime, **mas também** nos liberta. (19Or:Br:Intrv:ISP)

Alguns autores reconhecem, ainda, a oração subordinada de adição. É o que fazem Hengeveld (1993, 1996, 1998), Pérez Quintero (1998, 2002) e Lenker (2010). Em Hengeveld (1993, 1996, 1998) encontramos a adição arrolada como um subtipo de oração adverbial, entendida como um processo em que uma oração subordinada descreve um evento, que ocorre em acréscimo ao evento da oração principal. O autor ilustra a subordinação adverbial de adição com o seguinte exemplo:

- (11) *Apart from doing the cooking I look after the garden.*  
'Além de cozinhar eu cuido do jardim.'  
(HENGEVELD, 1998)

Para o autor, em casos como do exemplo (10), é evidente a relação de dependência que a oração "*apart from doing the cooking*" estabelece com a oração matriz. O estatuto da oração aditiva pode ser entendido, nesse caso, nos tradicionais termos de não autonomia sintática, já que, isolada da oração matriz, aquela tem seu sentido afetado. Daí, portanto, uma oração subordinada.

Em sua tipologia das orações adverbiais do inglês, Pérez Quintero (2002, p. 98) também reconhece a oração subordinada de adição. Numa postura muito semelhante à de Hengeveld (1998), a autora define esse tipo como

sendo “Orações adverbiais que expressam uma situação adicional àquela expressa na oração principal”<sup>6</sup> (PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 65). Em seu trabalho sobre a subordinação adverbial em inglês, a autora chama atenção para a pouca produtividade desse tipo de construção: “Orações de adição formam um grupo pequeno no total analisado no *corpus*”<sup>7</sup> (PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 98).

Huddleston e Pullum (2002, p. 775) afirmam que, no inglês, os conectores *besides* e *in addition* servem para desempenhar a função de introduzir a oração adverbial de adição. Segundo os autores, a relação construída por esses conectores “inclui duas porções de informação (uma em cada oração) que não estão em uma relação temporal, ou numa relação de condição, consequência”.<sup>8</sup> Orações introduzidas por esses conectores requerem formas não finitas do verbo, o que serve como evidência de que elas são subordinadas nessa língua, como mostram os exemplos:

- (12) *In addition to having your hand stamped, you must show your ticket stub*  
 ‘Além de ter sua mão carimbada, você tem que mostrar o canhoto do *ticket*.’
- (13) *Besides missing my bus, I got my feet all wet.*  
 ‘Além de perder meu ônibus, eu molhei todo meu pé.’

Hengeveld (1998) e Pérez Quintero (1998, 2002) também discutem o uso de formas verbais não finitas como evidência do estatuto subordinado das orações aditivas, particularmente as formas do gerúndio, no caso específico do inglês:

- (14) *Beside riding for £720 Pic prize money, the sixteen riders were also battling for nine places in the world final at Malno.*  
 ‘Além de montarem pelo prêmio de 720 libras, os dezesseis cavaleiros também estavam lutando por nove vagas na final mundial em Malno.’  
 (PÉREZ QUINTERO, 2002, p. 98)

<sup>6</sup> “Adverbial clauses which express a situation additional to that expressed in the main clause.”

<sup>7</sup> “Clauses of Addition make up a very small number within the whole analyzed corpus.”

<sup>8</sup> “[...] include two pieces of information (one in each clause) which are not in a Temporal relation, or in a relation of Condition, Consequence.”

## A relação de adição no português

Nas gramáticas tradicionais do português, descreve-se apenas a relação de adição básica, denominada adição pura por Lenker (2010). Em Cunha (1970, p. 392), a definição apresentada não contempla a oração aditiva propriamente dita, mas sim as conjunções aditivas que, para ele, “[...] servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função”. Semelhantemente, em Rocha Lima (1972, p. 185), a noção de adição é contemplada na discussão sobre conjunções. Nela o autor aponta a conjunção aditiva como identificadora do processo em que se relacionam “pensamentos similares”.

É Bechara (2004) quem apresenta uma definição mais completa, considerando a própria construção da oração de adição como o processo que “adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária” (BECHARA, 2004, p. 477). A conjunção *e* é apresentada como o expediente formal encarregado de atribuir o valor da adição, ao lado do advérbio **nem**, que atua para a construção da adição negatizada, como no exemplo:

- (15) Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.  
(BECHARA, 2004, p. 320)

Numa postura menos tradicionalista, Bechara (2004) chama atenção para o fato de que a relação de adição pode ser enfatizada – termos do autor – pelo emprego da expressão correlativa **não só... mas também**.

- (16) *Não só* o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.  
(BECHARA, 2004, p. 321)

Também nas descrições linguísticas realizadas para o português, a relação de adição é usualmente tratada como caso de coordenação, como se vê, por exemplo, em Neves (1999) e Camacho (1999). Para Neves (1999), na adição evidencia-se a exterioridade dos segmentos coordenados, e, a partir daí, acrescenta-se um segundo segmento a um primeiro. Neves (1999) também comenta a possibilidade de a relação de adição ser marcada por conjunções correlativas, tais como os pares **não só... mas também** e **não só... como também**:

- (17) Pesquisador infatigável, estudava **NÃO SÓ** o organismo humano, **MAS TAMBÉM** o animal. (APA)
- (18) As mulheres também retornavam quase correndo, **NÃO SÓ** pelo frio **COMO TAMBÉM** pelo peso dos potes. (ABR)  
(NEVES, 1999, p. 742)

Em casos como esses, considera Neves (1999) que são mantidas as características da interdependência e, principalmente o binarismo, inerente à correlação. Especificamente sobre as correlativas de adição em português, Módulo (2008) classifica as construções correlativas aditivas quanto à polaridade. O autor afirma que a expressão **não só** é denotativa de negativa de restrição, daí a necessidade da expressão **mas também**, denotativa de inclusão, para a construção do sentido de adição.

O rótulo **adição** tem servido, assim, para identificar, no português, construções coordenadas e correlativas, não sendo associado à subordinação (cf. NEVES, 1999; NEVES et al., 2008). Tanto nas descrições de orações coordenadas quanto de subordinadas não se menciona a possibilidade de uma oração aditiva ser codificada morfossintaticamente pela subordinação. No entanto, descrições realizadas para outras línguas têm apontado a existência de um tipo de oração subordinada de adição. É o que se examina neste trabalho.

### A oração hipotática de adição no português

São objeto de estudo neste trabalho, no que se refere ao componente formal, as orações aditivas introduzidas pelo conector **além de**, tal como no exemplo:

- (18) já publiquei mais de 1000 páginas de quadrinhos em fanzines e revistas, **além de ter criado dezenas de capas de livros, revistas e zines**. (19Or:Br:Intrv:Web)

Embora as orações aditivas introduzidas por conectores equivalentes ao **além de** sejam arroladas como um tipo de subordinada adverbial por alguns autores, em especial nos estudos sobre subordinação em inglês (HENGEVELD, 1993, 1996, 1998; PÉREZ QUINTERO, 2002; LENKER, 2010, entre outros), não se sabe sobre o estatuto desse tipo oracional como subordinada e, principalmente, como adverbial no português.

Hengeveld (1993, 1996, 1998) e Lenker (2010) consideram a não finitude, obrigatória em orações introduzidas pelos conectores *besides* e *in addition to*, como evidência suficiente para o estatuto de subordinada da oração aditiva. Lenker (2010) afirma que a não finitude, ou seja, o uso de infinitivos, participios ou formas semelhantes como predicados, é uma indicação clara de dependência e subordinação.

A análise dos autores assenta-se sobre a premissa comumente aceita de que formas não finitas não ocorrem em orações principais, sendo características de orações dependentes. De acordo com Huddleston e Pullum (2002, p. 209),

Non finitude é uma marca de subordinação: orações finitas podem ser [orações] principais ou subordinadas, mas as não finitas são sempre subordinadas [...] Orações subordinadas não-finitas diferem estruturalmente de orações principais muito mais do que orações subordinadas finitas<sup>9</sup>.

É o que ocorre com as orações aditivas introduzidas por **além de**. Conforme verificado na análise dos dados levantados, as orações introduzidas por esse conector selecionam sempre formas verbais não finitas, especificamente o infinitivo, não havendo outra possibilidade para o verbo da oração iniciada por esse conector. Fica evidente, assim, que a oração introduzida por **além de** por si só não constrói uma referência temporal, sendo dependente da referência temporal da oração núcleo com a qual se relaciona. Esse tipo oracional pode, portanto, ser entendido segundo o conceito de subordinação de Lenker (2010), para quem uma oração subordinada pode ser identificada como sendo um subtipo gramaticalmente distinto de oração cujos membros funcionam caracteristicamente como dependentes da estrutura de uma oração maior.

Outra questão que evidencia o estatuto dependente da oração introduzida pelo conector **além de** é o grau de vinculação dessa oração com a oração principal. Em estudo sobre a gradualidade da vinculação em orações complexas, Lehmann (1988) considera que quanto mais vinculada, ou seja, quanto mais integrada, mais dependente é a oração. O autor estabelece uma tipologia da junção de orações em que analisa os parâmetros (i) grau de vinculação, (ii) grau de sentencialidade da oração e (iii) explicitude do entrelaçamento entre as orações.

<sup>9</sup> “Non-finiteness is a marker of subordination: finite clauses may be main or subordinate, but non-finite ones are always subordinate [...] Non-finite subordinate clauses differ structurally from main clauses more radically than do finite subordinate clauses.”

As orações introduzidas por **além de** demonstram alto grau de vinculação à oração com a qual se relacionam e baixo grau de sentencialidade. Além da não finitude, que revela a dependência temporal dessas orações, elas apresentam correferencialidade de sujeito que, embora não pareça ser um traço obrigatório (ver exemplo 20), verificou-se na totalidade das ocorrências analisadas, como se vê em (21):

- (20) Além do João bater o carro, Carolina foi assaltada.  
 (21) Fiz duas peças dirigidas por ele na escola. **Além de ser o galã da peça, eu jogava vôlei bem para aquele tempo, minhas notas eram boas e meu cartaz no colégio subiu muito.** Tanto assim que, depois da segunda peça, Gerusa Camões, que dirigia o Teatro Universitário, me convidou. (19Or:Br:Intrv:ISP)

Além disso, tem-se também a explicitude da conexão marcada pela presença do conector **além de**. Esses traços revelam não apenas um alto grau de vinculação, mas também demonstram o estatuto dependente da oração aditiva.

A relação entre a oração aditiva iniciada por **além de** pode ser interpretada, assim, nos termos da construção endocêntrica, proposta por Lehmann (1988, p. 2). Segundo o autor, esse tipo de construção se caracteriza como “[...] um sintagma binário Z com as partes X e Y, sendo que Y pertence à mesma categoria que Z e X é uma expansão de Z. A relação sintática de X e Y pode ser de dependência ou associação”.<sup>10</sup> O autor completa dizendo que a “**Subordinação** pode ser concebida como um tipo de junção de orações. Se sintagmas (orações) X e Y estão em numa relação de junção de orações, então X é subordinada a Y se e somente se X e Y formarem uma construção endocêntrica Z com Y como núcleo”<sup>11</sup> (LEHMANN, 1988, p. 2).

Parece evidente o estatuto subordinado dessa oração. Uma vez que a oração aditiva não atua como elemento da predicação da oração núcleo, ela pode ser entendida nos termos da interdependência de elementos de categorias diferentes. A partir daí propõe-se que a oração aditiva introduzida por

<sup>10</sup> “a binary syntagm Z with parts X and Y such that Y belongs to the same category as Z and X is an expansion of Z. The syntactic relation of X to Y may be one of dependency or of sociation.”

<sup>11</sup> “**Subordination** may now be conceived as a form of clause linkage. If syntagms (clauses) X and Y are in a relation of clause linkage, then X is subordinate to Y if X and Y form an endocentric construction Z with Y as the head.”

**além de** atende aos critérios para ser concebida como uma oração hipotática, nos termos de Halliday (1985).

Questão mais complexa diz respeito ao estatuto de adverbial dessa oração. No geral, a oração adverbial é definida como uma oração que modifica, semanticamente, a oração núcleo. É o que atestam definições diversas, encontradas desde a tradição gramatical até as descrições linguísticas mais atuais. Na linguística funcional, o conceito de oração adverbial é ampliado, no sentido de abrigar também a modificação retórico-discursiva que essas orações podem exercer, mas continuam a manter a noção de modificação como central nessa definição.

Assim, Halliday (1985) entende a oração adverbial como uma oração de realce, que atua sobre o significado de outra oração, qualificando-a com relação a circunstâncias. Do mesmo modo, Dik et al. (1990) concebem as orações adverbiais como um tipo de satélite oracional, cuja função é modificar uma oração matriz. Como essas, outras tantas definições semelhantes podem ser encontradas na literatura sobre orações adverbiais. O que se nota, aqui, é que essas definições não parecem adequar-se à definição da oração aditiva encontrada nos estudos mencionados.

Segundo os autores, a oração aditiva é considerada adverbial por apresentar uma situação adicional à situação descrita na oração principal. Por exemplo, em Hengeveld (1998), a oração de adição é definida como uma oração que descreve um evento que acontece em acréscimo ao evento da oração principal. O mesmo pode ser encontrado em Pérez Quintero (2002) e Lenker (2010).

Embora a oração aditiva acrescente uma informação suplementar, secundária, assim como as orações adverbiais, acredita-se, aqui, que ela não modifica a situação principal descrita na oração núcleo. A relação de adição não pode ser entendida, assim, como uma circunstância que modifica o evento principal. Ainda que essa oração possa ser tratada como uma categoria semântica, ela não parece atender aos critérios para ser tratada como adverbial, já que ela não promove modificação.

Ao contrário, a oração aditiva parece enquadrar-se na definição de hipotaxe de extensão, proposto por Halliday (1985), definida como uma oração que amplia o significado de outra, acrescentando-lhe algo novo. É o que ocorre com as orações aditivas. Elas não modificam, e sim acrescentam uma informação secundária à informação principal. Mediante isso, propõe-se, nes-

te trabalho, considerar as orações introduzidas pelo conector **além de** como uma hipotaxe de extensão.

### As funções retórico-discursivas das orações aditivas

Qualquer incursão de base funcionalista deve considerar, sobretudo na análise de orações complexas, o papel que essas orações desempenham na organização do discurso, observando sua funcionalidade nos diferentes domínios, níveis e camadas que compõem a língua, levando em conta, enfim, sua contribuição à composição textual-interativa.

A partir dessa perspectiva, pode-se afirmar que o conector **além de** parece ter uma função interpessoal claramente definida, servindo para unir duas proposições, atribuindo à segunda delas ênfase argumentativa. Pelo emprego do conector evidencia-se certa hierarquia entre os eventos relacionados, sendo o primeiro apresentado como conhecido do ouvinte, a partir do qual acrescenta-se um segundo, mais relevante ou de maior destaque. É o que se observa no exemplo:

- (22) Ken critica tudo isso. Está do lado do meu povo. *É um homem bom, além de ser um verdadeiro artista.* E por isso eu o admiro tanto. (19Or:Br:Intrv:ISP)

Notem-se aí dois eventos:

Evento 1: *ser um homem bom*

Evento 2: *ser um verdadeiro artista*

Nessa construção o conector **além de** serve, sobretudo, à função retórica da ênfase, já que a noção de adição pode ser estabelecida pelo próprio sequenciamento linear das proposições, numa relação justaposta. O emprego do conector destaca uma das proposições envolvidas na construção, intensificando o caráter discursivo que o significado da adição pode assumir. Essa relação pode ser ainda mais realçada pela presença de um elemento focalizador, que introduz a oração destacada:

- (23) *além de prover os gêmeos com seu leite salvando-os da morte, AINDA alimentou os meninos* (19Or:Br:Intrv:Pov)

Observa-se, assim, que as orações aditivas introduzidas por **além de** comportam-se semelhantemente a outras orações hipotáticas, contribuindo significativamente com a estrutura figura/fundo ou tópico/comentário do discurso corrente. A oração aditiva constitui o fundo sobre o qual o discurso subsequente se constrói. A oração iniciada pela locução **além de** introduz um evento anterior que pode ser concebido como fundo (pressuposto) em relação a um evento posterior concebido como figura (asseverado) na oração principal. Em outras palavras, a oração iniciada por **além de** veicula informação velha, informação menos importante que provê um contexto ou cenário para a informação nova ou de maior relevo, veiculada na oração núcleo. É o que se observa no seguinte caso:

- (24) Fiz duas peças dirigidas por ele na escola. **Além de ser o galã da peça, eu jogava vôlei bem para aquele tempo, minhas notas eram boas e meu cartaz no colégio subiu muito.** Tanto assim que, depois da segunda peça, Gerusa Camões, que dirigia o Teatro Universitário, me convidou. (19Or:Br:Intrv:ISP)

Note-se aí que a informação trazida pela oração iniciada por **além de** retoma uma informação mencionada em porção anterior do discurso corrente. Ao mencionar a informação “ser galã da peça” o falante retoma a oração “Fiz duas peças dirigidas por ele na escola”, previamente enunciada. A oração de adição configura-se, portanto, como informação velha e pode ser analisada como o tópico ou o fundo para a informação que será enunciada na oração núcleo (subsequente), que traz informação nova e, no caso das orações introduzidas por **além de**, de maior destaque argumentativo.

### **A estrutura sintático-semântica da hipotaxe de adição**

A oração introduzida por **além de** estabelece uma relação semântica do tipo adição, que basicamente pode ser entendida como acréscimo de informação. Essa relação é denominada, neste trabalho, conforme proposto na seção anterior, nos termos de Halliday (1985), como uma hipotaxe por extensão. Nessa relação, a oração expande o significado de outra ao acrescentar-lhe algo novo. É o que se observa nas orações de adição iniciadas por **além de**:

- (25) A fórmula proposta pelo MEC, portanto, está andando nessa direção. **Cursos mais complexos, do tipo eletrônica ou computação, ficam melhor nesse nível, além de se verem livres das ambiguidades de quem não sabe se quer profissão ou vestibular** (19Or:Br:Intrv:ISP)

Observe-se, nesse caso, que a oração introduzida por **além de** amplia o significado da oração núcleo: a oração aditiva acrescenta a informação “viver livre das ambiguidades de quem não sabe se quer profissão ou vestibular” à informação principal veiculada na oração núcleo, “cursos mais complexos, do tipo eletrônica ou computação, ficam melhor nesse nível”. A relação aí é de extensão e, não de modificação, de significado, o que confirma o estatuto dessa oração como hipotaxe de extensão.

A relação de adição estabelecida pelo conector **além de** é sempre factual, já que por meio dele a oração aditiva descreve um estado de coisas como sendo real, como se vê no exemplo:

- (26) Ninguém mais derretido pela mulher do que o João Vicente por mim, e viste o que ele fez comigo. **Além de gastar tudo quanto herdei de papai, foi-se matar por causa de uma vagabunda**, deixando-me a Flávia de colo, apenas com um apartamento de sala e quarto para morar. E ainda teve a petulância de me escrever aquela carta patética, dizendo que eu, sim, é que tinha sido, para ele, o verdadeiro amor. (19:Fic:Br:Montello:Silencio)

Mesmo quando a realidade do evento vem negada, nesse caso, a oração aditiva descreve a realidade da não realização do estado de coisas:

- (27) Amapola era pouca para o tamanho do problema. **Além de não conhecer ninguém fora do circo, perdera seu único amigo no mundo**. Ficara apatetada, pedira dinheiro aqui e ali, em alguns casos chegara a esquecer de explicar para que era o dinheiro pedido. (19:Fic:Br:Cony:Piano)

A factualidade do estado de coisas descrito na oração aditiva é determinada pela própria natureza da relação especificada pelo **além de**, que apresenta o evento como dado, como algo que não pode ser negado/duvidado nem pressuposto, mas sim como asseverado e, portanto, factual.

Conforme verificado em análise, a oração de adição ocorre preferencialmente anteposta à oração núcleo. Assim como na ordenação dos constituintes no interior da oração, a ordenação das orações é determinada pelo fluxo de informação. Sabe-se que informação velha tende a preceder informação nova já que a informação nova deve ser construída sobre uma informação que já seja parte do conhecimento do ouvinte. É o que se observa no seguinte exemplo:

- (28) ficamos ali até meia noite e meia, quer dizer, cada um tinha seu compromisso, seu, a esposa esperando, eu não, é lógico, mas eles tinham e foi muito gostoso porque a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor. ***Além de ele ser o professor, ele foi o amigo da gente.*** (Lusofonia)

A hipotaxe de adição pode ocorrer também na posposição. Nesse caso, a oração introduzida por **além de** serve como uma espécie de adendo, ratificando ou generalizando alguma informação previamente mencionada, como se vê no seguinte exemplo:

- (29) Espinosa estava convencido de que a solução da história dependia de Rose. Enquanto ela não fosse encontrada, teriam que acreditar na versão de Max, que era tão sólida quanto um castelo de cartas. ***A hipótese de suicídio tinha apoio num indício muito tênue, além de esbarrar em dificuldades quase intransponíveis.*** De qualquer forma, se na semana anterior estava na estaca zero, agora dispunha de alguns caminhos. Com um pouco de sorte, poderia fechar a história na semana seguinte. (19:Fic:Br:Garcia:Silencio)

Nesse caso, a hipotaxe de adição retoma as informações mencionadas anteriormente, realizando uma espécie de generalização: observe-se aí no exemplo que “dificuldades intransponíveis” retoma uma série de informações previamente mencionadas, tais como “encontrar Rose”, a “versão não sólida de Max” e “indício tênue”.

Vê-se, então, que a escolha entre essas duas posições não é livre, mas está condicionada às funções retóricas desempenhadas pela oração de adição, como se procurou demonstrar nos exemplos. Para Thompson (1985), os dois tipos de oração sequer devem ser tratadas como construções idênticas ocupando posições diferentes, ao contrário, devem ser vistas como construções totalmente diferentes.

No que diz respeito à estrutura morfossintática, o alto grau de vinculação e dependência da oração núcleo impõem algumas restrições formais à oração hipotática de adição. Conforme já foi mencionado, a oração introduzida por **além de** não consegue construir, ela própria, sua referência temporal e, assim, seleciona sempre formas não finitas, o infinitivo e o infinitivo flexionado, como se destaca nos seguintes casos:

- (30) Além de **trair** suas origens e **comprometer** sua credibilidade, teria poucas possibilidades de atrair. (19:Fic:Br:Cony:Piano)
- (31) Além de **temer** defuntos, por extensão também temia funerárias. (19:Fic:Br:Cony:Piano)
- (32) Além de não **conhecer** ninguém fora do circo, perdera seu único amigo no mundo. (19:Fic:Br:Cony:Piano)

Nota-se, nesses casos, que a hipotaxe de adição não instaura sua referência temporal, ficando dependente da referência temporal realizada pela oração núcleo com a qual se relaciona. Essa dependência é icônica à diferença que parece haver no grau de relevância dos eventos relatados, uma vez que a oração de adição acrescenta um evento secundário a um evento principal, descrito na matriz, é natural que sua temporalidade esteja atrelada a esse evento.

Outro aspecto caracterizador da hipotaxe de adição no português é o fato de essa oração não ter força ilocucionária própria. Essas orações recaem sob o escopo dos operadores ilocucionários da oração núcleo. Isso pode ser explicado pelo fato de a maioria dos operadores ilocucionários serem periféricos e atuarem fora da oração, incidindo, desse modo, sobre a oração complexa como um todo.

- (33) [Além de **temer** defuntos], por extensão também temia funerárias. (19:Fic:Br:Cony:Piano)
- (33a) [Além de **temer** defuntos], por extensão também temia funerárias? (19:Fic:Br:Cony:Piano)
- (33b) \*[Além de **temer** defuntos?], por extensão também temia funerárias. (19:Fic:Br:Cony:Piano)

É relevante destacar, ainda, a correferencialidade do sujeito verificada nesse tipo de oração. Observou-se em todas as orações analisadas uma iden-

tificação entre o sujeito da matriz e da núcleo, verificada pela anáfora zero, como se vê:

- (34) **Além de Ø pintar**, a artista tem outra especialidade: viajar pelo mundo e registrar, com sua máquina fotográfica, lugares especiais. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- (34a) **Além de A ARTISTA pintar**, A ARTISTA tem outra especialidade: viajar pelo mundo e registrar, com sua máquina fotográfica, lugares especiais.

## Considerações finais

Este estudo partiu de algumas descrições de orações aditivas no inglês, que reconhecem um subtipo de oração subordinada adverbial de adição, tal como em Hengeveld (1993, 1996, 1998), Pérez Quintero (1998, 2002) e Lenker (2010). A partir dessas propostas, procurou-se verificar a existência desse tipo oracional em português, nunca antes descrito nessa língua.

Levando em consideração diferentes parâmetros de subordinação, a análise desenvolvida neste trabalho possibilitou reconhecer o estatuto de subordinada da oração aditiva introduzida por **além de**. No entanto, diferentemente do que propõem os autores mencionados, neste trabalho acredita-se que a oração subordinada aditiva não seja um subtipo de oração adverbial, já que ela não promove modificação. Aqui se propõe considerá-la como uma oração hipotática de extensão, tipo oracional definido por Halliday (1985) em que uma oração amplia o significado de outra, tal como se acredita ocorrer nas orações de adição. A partir daí, propôs-se uma breve caracterização da hipotática de adição no português, considerando suas funções retórico-discursivas, tipo semântico da relação, padrão de ordenação, referência temporal que serviu para confirmar o estatuto dependente dessa oração e também entender seu papel e funcionamento na organização do discurso.

OLIVEIRA, Taísa Peres. The hypotaxis of addition. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 25-45, 2012.

**ABSTRACT:** *The main goal of this paper is to analyze clauses introduced by the connective **além de**, in order to identify its syntactic, semantic and pragmatic features. Clauses introduced by this type of connective express an additive relation, and are therefore called hypotaxis of extension, accordingly to Halliday (1985). It was noticed that this type of clause*

*is highly dependent, takes the first position preferably and works in the topic-comment structure playing a relevant role in the information flow in the text.*

**KEYWORDS:** *relation of addition; hypotaxis of extension; dependence.*

## Referências

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BUTLER, Christopher. **Structure and Function: Guide to Three Major Structural-Functionalist Theories**. Part I Approaches to Simple Clause. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Gramática do Português Falado** – v. VII: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/FAPESP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 351-405.
- CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Berbadó Álvares S. A., 1970.
- DIK, Simon. C. On the notion of “functional explanation”. **Working papers in functional grammar**, Amsterdam, v. 11, 1986.
- DIK, Simon. C. et al. The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, Jan; BOLKESTEIN, A. Machtelt; VET, Co (Eds.) **Layers and levels of representation in language theory: a functional view**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990, p. 25-70.
- FOLEY, William A. Robert D. VAN VALIN, Jr. 1984. **Functional syntax and universal grammar**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1984.
- GEIS, Michael; ZWICKY, Arnold. On invited inference. **Linguistic Inquiry**, v. 2, n. 4, p. 561-566, 1971.
- HALLIDAY, Michael A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward, Arnold Publishers, 1985.
- HENGEVELD, Kees. The internal structure of adverbial clauses. **EUROTYP Working Papers**, 5, 1993.
- \_\_\_\_\_. The internal structure of adverbial clauses. In: DEVRIENDT, Betty et al. (Ed.) **Complex structures: A functionalist perspective** (Functional Grammar Series 17). Berlin: Mouton de Gruyter, 1996. p. 119-147.

\_\_\_\_\_. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: VAN der AWERA, Johan (Ed.) **Adverbial Constructions in the languages of Europe**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

HUDDLESTON, Rodney; PULLUM, Geoffrey. **The Cambridge Grammar of the English Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.). **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 181-225.

LENKER, Uusula. **Argument and Rhetoric Adverbial Connectors in the History of English**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010.

MATHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Ed.) **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MÓDOLO, Marcelo. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 1089-1102.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura et al. As construções hipotéticas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 937-1020.

PÉREZ QUINTERO, María Jesús. **La subordinación adverbial en inglés: un enfoque funcional**. La Laguna, 1998. 445 f. Tese (Doutorado em Filologia Inglesa) – Facultad de Filología –Universidad de La Laguna.

\_\_\_\_\_. **Adverbial Subordination in English**. A Functionalist Approach. Amsterdam/New York: Rodopi, 2002.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

THOMPSON, Sandra. A. Grammar and written discourse: initial vs. final purpose clauses in English. **Text**, v. 5, n. 1, p. 55-84, 1985.